

3.4.1.1 O Bairro Alto Três Moinhos

O bairro Alto Três Moinhos localiza-se na região leste da cidade, pertencendo a RU Linhares como já descrito, que está situada à margem esquerda do rio Paraibuna, entre os vales dos córregos: Tapera e Yung, próxima à região Central.

No bairro Alto Três Moinhos, as casas são improvisadas, de padrão auto-constructivo, distribuídas de maneira irregular e as encostas oferecem risco de desabamento no período de chuvas. As moradias não possuem infraestrutura básica, principalmente as que ocupam as áreas de encostas mais altas e, para as que estão dispostas nas áreas mais baixas, a infraestrutura é precária. A estrutura urbana já consolidada é caracterizada por uma ocupação bastante adensada sobre uma malha viária estreita e curvilínea, em busca de menores declividades.

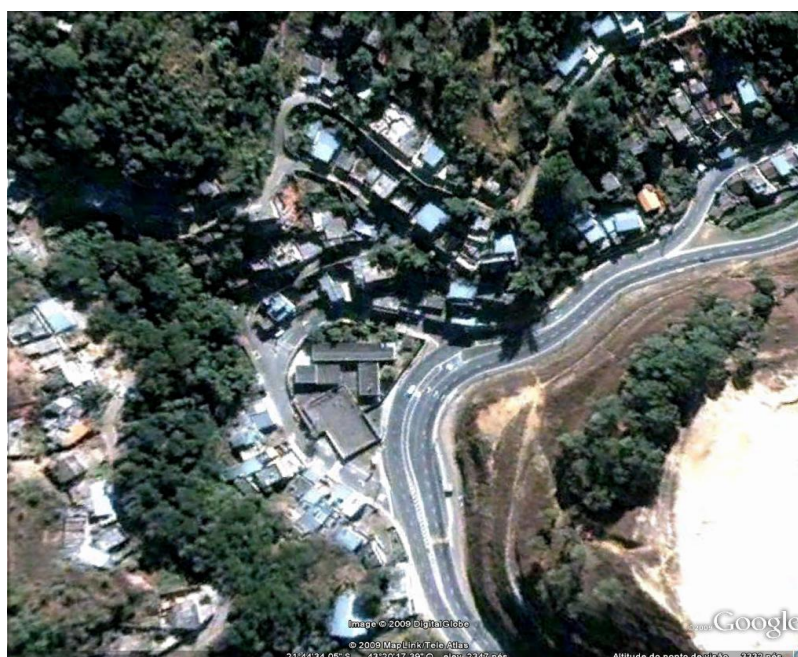


Figura 19 - Vista Parcial do Bairro Três Moinhos e Alto Três Moinhos.
Fonte: Google Earth, 2006.

Os conjuntos habitacionais totalmente precários são denominados pela prefeitura municipal como assentamentos de submoradias. São locais de residência daqueles menos favorecidos. Os domicílios são construídos através da autoconstrução e sem atendimento de serviços essenciais de infraestrutura urbana. Segundo o IBGE, os locais que agrupam 51 ou mais submoradias são denominados

Aglomeracões Subnormais – favelas ou similares. Aqueles com menos de 51 são denominados guetos ou redutos de população de baixa renda.



Figura 20 - Vista Parcial Alto Três Moinhos.
Fonte: A autora, 2011.

Na maioria dos casos, as submoradias se localizam em assentamentos irregulares – invasões – que se distinguem pela ocupação espontânea em terrenos de propriedade alheia – áreas públicas ou privadas – dispostas de forma desordenada e densa e, em consequência, podem estar em áreas de riscos – ocupação de encostas íngremes, às margens de corpos hídricos etc.



Figura 21 - Vista Parcial Três Moinhos e Alto Três Moinhos.
Fonte: A autora, 2011

Os assentamentos de submoradias também são áreas deficitárias em infraestrutura urbana e serviços essenciais públicos, como as redes de esgoto, captação de águas pluviais, iluminação pública, calçamento, coleta de lixo, transporte, segurança, entre outros.



Figura 22 - Vista Parcial Alto Três Moinhos.
Fonte: A autora, 2010

O baixo padrão de habitação, a invasão de terrenos públicos e particulares e a poluição de córregos, estão entre os problemas enfrentados por essa RU, caracterizada, em parte, por morros e áreas sujeitas às inundações, principalmente devido à precariedade da captação das águas pluviais.



Figura 23 - Vista Parcial de Moradias - Alto Três Moinhos.
Fonte: A autora, 2011

A construção das casas no Alto Três Moinhos ocorreu em terrenos que já foram alterados de forma inadequada, para a implantação do próprio loteamento.



Figura 24 - Vista Parcial Alto Três Moinhos - Escadas de acesso.
Fonte: A autora, 2011.

As características físicas dessa região mostram um relevo acidentado, apresentando áreas de risco nas partes mais elevadas dos morros, agravadas com a ocupação de habitações subnormais.



Figura 25 - Vista Parcial Alto Três Moinhos.
Fonte: A autora, 2010.



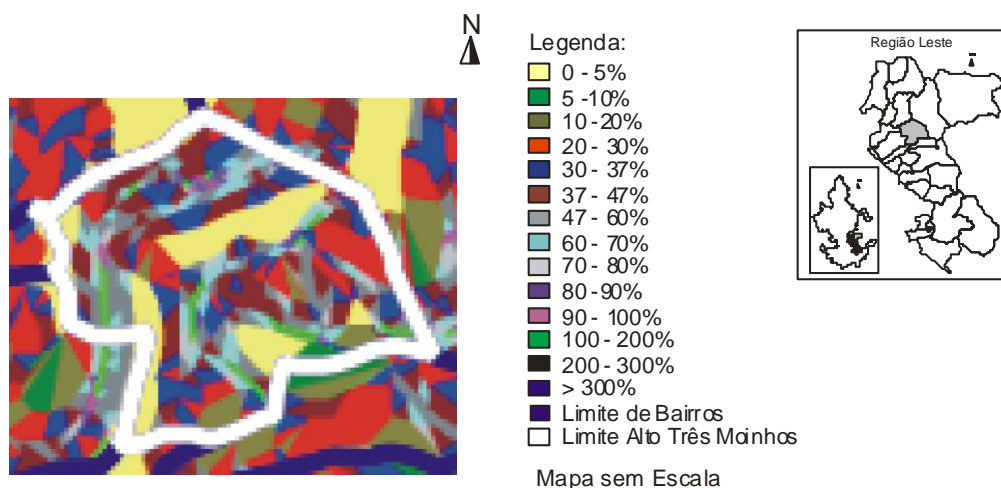
Figura 26 - Vista Parcial Alto Três Moinhos - Área degradada.
Fonte: A autora, 2011.

O Alto Três Moinhos caracteriza-se por ser uma encosta com declividade, em sua maioria entre 5% a 37%. Em certas áreas encontramos declividade entre 47% a 90%. Em outras localizam-se áreas com declividade entre 100% e 200%. De acordo com o mapa de corte, constatamos que a encosta tem uma variação de declividades, conseqüentemente, não seria uma área propícia para abrigar um bairro residencial.

Corte para Análise - Três Moinhos

SAGA/UFRJ - Sistema de Análise Geo-ambiental
Laboratório de Geoprocessamento

Mapa de Declividade de Juiz de Fora - MG - César Henrique Barra Rocha
Adaptação - Telma Souza Chaves



Mapa 8 - Corte Mapa de Declividade de Juiz de Fora – Três Moinhos.
Fonte: JUIZ DE FORA, Elaborado pela autora, 2012.

Sua ocupação se deu de maneira “desordenada”, quando se considera a distribuição dos lotes. Foi há cerca de 30 anos, sendo que a parte inferior, ou seja, na base, é mais bem estruturada e consolidada há mais tempo.

Nas áreas mais altas, nas encostas, a ocupação foi mais recente, cerca de 13 anos. A abertura de caminhos, vias de acessos e escavações para as construções, foi executada com equipamentos manuais e realizada pelos próprios moradores. Isso contribuiu para a descaracterização da topografia da região, sendo formadas seções de aterros.

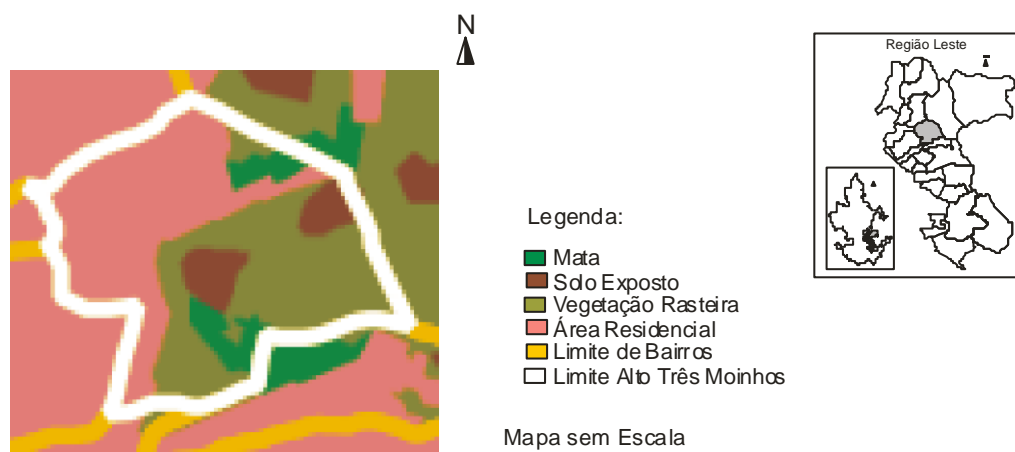
Conforme informações da Secretaria de Atividades Urbanas SAU, uma das áreas do Alto Três Moinhos trata-se de um loteamento não aprovado pela prefeitura, pois foi implantado no local pelo loteador, com a venda de terrenos e posterior registro em cartório. As outras áreas são as invasões que foram ocorrendo ao longo do tempo.

Podemos caracterizar duas formas de ocupação que se estruturaram nesse espaço urbano. A primeira ocupação, a mais antiga, buscou as áreas mais planas; já a segunda ocupação deu-se nas encostas mais íngremes. Essa ocupação foi realizada por camadas da população de baixa renda que foram “expulsas” das áreas mais planas ao longo do crescimento urbano e, da valorização de outras áreas na cidade.

Corte para Análise - Três Moinhos

SAGA/UFRJ - Sistema de Análise Geo-ambiental
Laboratório de Geoprocessamento

Mapa de Uso do Solo e Cobertura Vegetal de Juiz de Fora - MG - Oswaldo Elias Abdo
Adaptação - Telma Souza Chaves



Mapa 9 - Corte Mapa de Uso do Solo e Cobertura Vegetal de Juiz de Fora – Três Moinhos.
Fonte: JUIZ DE FORA, Elaborado pela autora, 2012.

Quanto à cobertura vegetal e ocupação do solo e, analisando o mapa de corte, verificamos que, a leste grande parte está coberta por vegetação rasteira, uma pequena área a nordeste e sudeste ocupada por mata. As áreas leste e centro apresentam solo exposto, a área ao norte e sudoeste tem a ocupação de uso residencial.

Com todos os problemas suscetíveis, alguns trechos de encostas do Alto Três Moinhos são utilizados como depósito irregular de lixo, o que causa grandes preocupações principalmente no período chuvoso que vai de setembro a março. Por ser uma área de relevo acidentado e com a falta de infraestrutura básica, o local não possibilita a entrada de caminhões do Departamento Municipal de Limpeza Urbana - Demlurb para a coleta de lixo e os moradores não têm a preocupação de levar o lixo até a rua mais próxima onde há coleta regular.

Analisando a figura 26, constatamos que a rede de captação pluvial é inexistente. Existe somente uma via principal com largura máxima de 3 metros e, em alguns segmentos, verifica-se estreitamento dessa via. A via de pedestre, é pequena, em alguns trechos existe somente de um lado e em outros não existe.



Figura 27 - Vista Parcial Alto Três Moinhos- Via de acesso.
Fonte: A autora 2010.

Nos trechos em que o relevo torna-se mais íngreme, o acesso às moradias é através de escadas construídas pelos próprios moradores. Elas sequer possuem uma cimentação e, em período chuvoso, torna-se inviável o acesso a algumas delas.

Além da via principal, existem duas escadas fundamentais que estão em estado precário, com muito mato que já está invadindo os degraus. Em uma das escadas, faltam alguns degraus, dificultando o acesso através dela. Constata-se também a falta de iluminação pública e, no decorrer do caminho, há muito lixo, como retratado pela figura abaixo.



Figura 28 - Vista Parcial Alto Três Moinhos-Lixo nas Encostas.
Fonte: A autora, 2010.

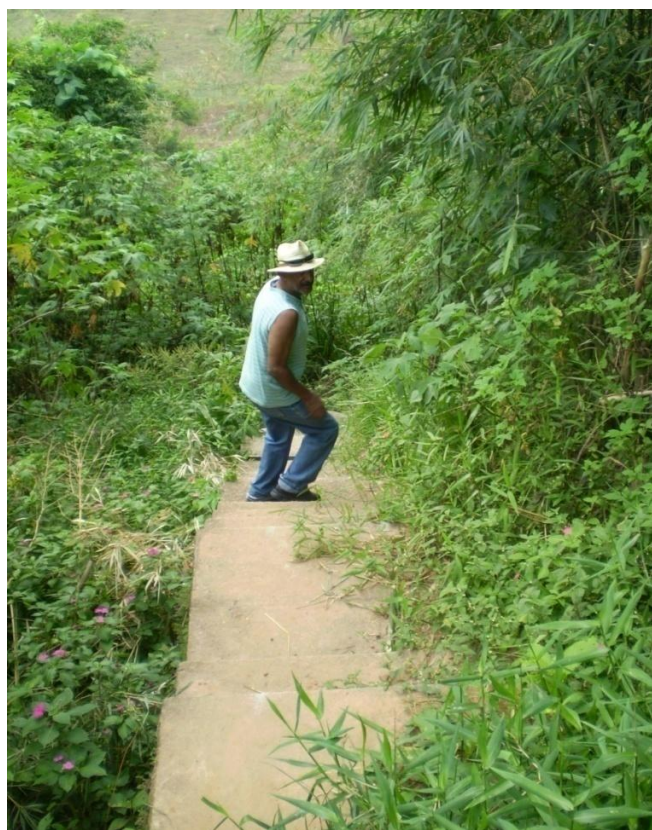


Figura 29 - Vista Parcial Alto Três Moinhos – Escada de Acesso.
Fonte: A autora, 2010.

Como podemos verificar, as ocupações no Alto Três Moinhos desenvolveram-se de maneira inadequada em áreas de riscos ambientais como escorregamento e deslizamentos de encostas. Existem ocupações em algumas áreas reguladas, pois atualmente o Alto Três Moinhos se constituiu em um bairro. Porém, chamamos atenção para as áreas nas encostas de maiores declividades, que estão sendo ocupadas por invasões de populações de baixa renda.

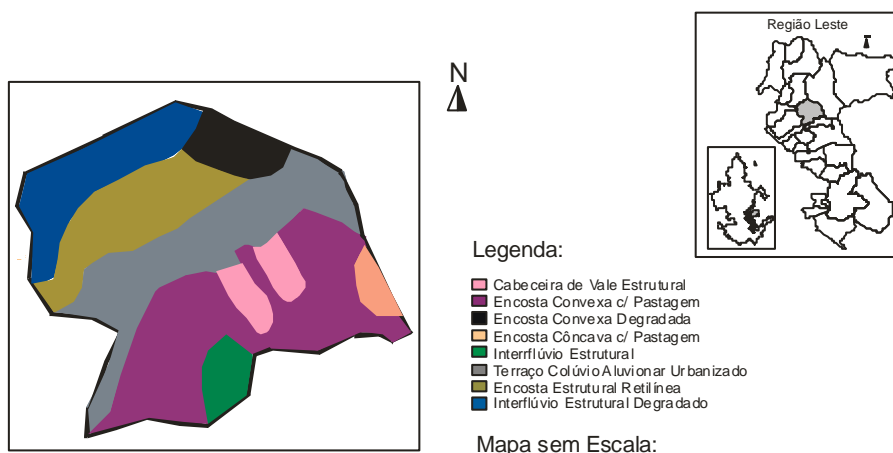
Observando o mapa de corte geomorfológico, constatamos que, a área de encosta convexa com pastagem, que se localiza no sentido sudoeste a sudeste, é grande. Se compararmos com as fotos tiradas no local, averiguamos que a área de pastagem, ou seja, gramíneas, realmente tornou-se considerável.

A área de interflúvio estrutural, que está na área central, e a de encosta côncava com pastagem a sudeste, são pequenas. Já a área de terraço colúvio aluvionar urbanizado, que se estende de sudoeste a nordeste, é grande e, ao compararmos novamente com as fotos do local, verificamos a realidade.

A noroeste verificamos encosta estrutural retilínea, e grande área de interflúvio estrutural degradado. E, ao norte, há uma área de encosta convexa degradada. Se também compararmos o mapa de corte com a foto apresentada do Google Earth, podemos verificar a realidade atual.

Corte para Análise - Três Moinhos

SAGA/UFRJ - Sistema de Análise Geo-ambiental
Laboratório de Geoprocessamento
Mapa Geomorfológico de Juiz de Fora - MG - Maria Hilde de Barros Góes
Adaptação - Telma Souza Chaves



Mapa 10 - Corte Mapa Geomorfológico de Juiz de Fora – Três Moinhos.
Fonte: JUIZ DE FORA, Elaborado pela autora, 2012.

Analisando as fotos e mapas apresentados, conferimos que grande parte do bairro Alto Três Moinhos está desmatada, principalmente onde existe a ocupação humana. O arruamento não apresenta um traçado dentro dos padrões urbanísticos aceitáveis (Lei.N.6908/86) muito em função da topografia local. Nestes locais, a simples abertura de “ruas” já causa instabilidades.

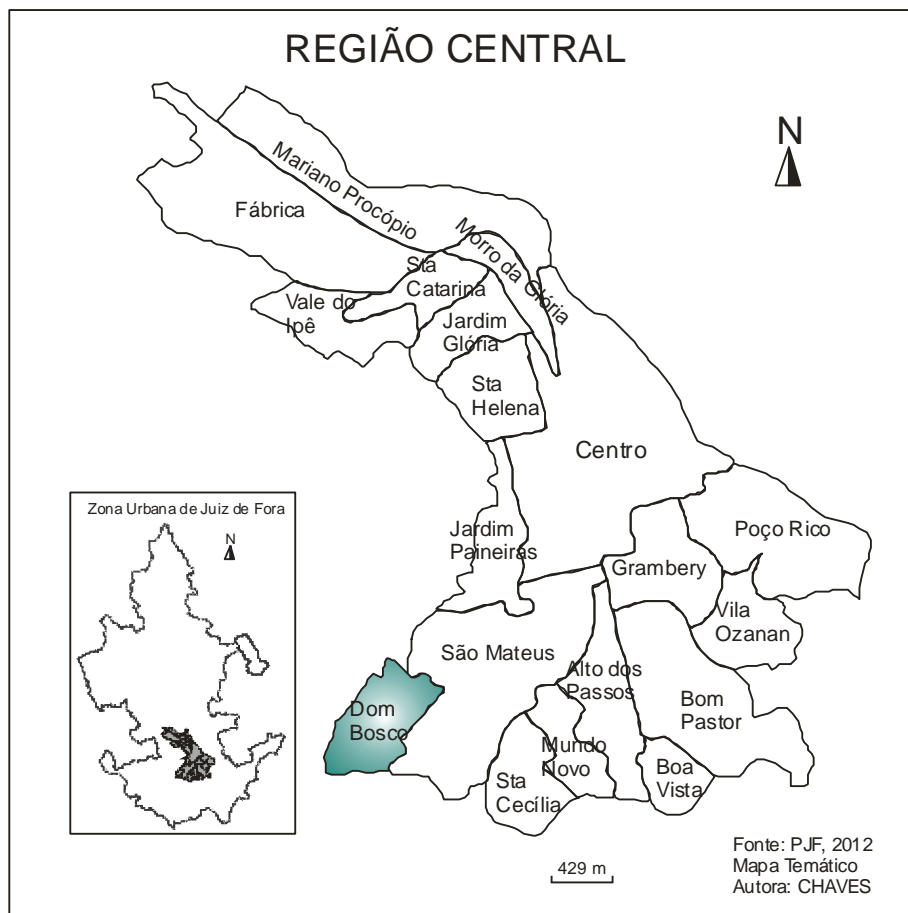
Como podemos verificar as ocupações no Alto Três Moinhos desenvolveram-se de maneira inadequada em áreas impróprias para a ocupação, áreas também que oferecem riscos ambientais. Constatou-se que o Alto Três Moinhos sofre também ampla degradação de suas encostas.

Aqui só analisamos o bairro Alto Três Moinhos e, como já foi descrito, ele está situado na região leste de Juiz de Fora. Região essa que sofre a falta de infraestrutura básica, pois a que existe, em sua maioria, está instalada parcialmente, ou não recebeu a manutenção, levando-as a uma deterioração. As intervenções urbanas que fizeram parte do PLANOJF, dos novos planos de crescimento das administrações posteriores a esse plano ainda não chegaram nessa região como em muitas outras.

Quanto aos indicadores socioeconômicos desta região verificamos que é grande o percentual de domicílios carentes. E como a parte mais íngreme do bairro é composta por um grande número de moradias de padrão alto-constructivo, nela se concentram os maiores problemas, não somente pelo aspecto socioeconômico, como foi verificado, mas também em saneamento, acessibilidade, titularidade da terra.

3.4.2 A Região Central e o Bairro Dom Bosco

Foi entre 1836 e 1838 que ocorreu a “transposição” do povoamento para a margem direita do rio. A grande reta conhecida como rua Principal, logo depois, rua Direita e, hoje, avenida Barão do Rio Branco, garantiu o traçado do atual centro histórico da cidade. Inicialmente, a ocupação aconteceu no sul da avenida, na região do Alto dos Passos. A expansão da produção cafeeira provocou um surto desenvolvimentista que resultou em crescimento urbano responsável por transformar rapidamente o pequeno povoado em cidade.



Mapa 11 - Região Central de Juiz de Fora e o Bairro Dom Bosco.
 Fonte: JUIZ DE FORA, Elaborado pela autora, 2012

A região Central destaca-se, na configuração de Juiz de Fora, por apresentar peculiaridades e características que lhe conferem especial forma de ocupação. Seu território se expandiu para além do centro histórico, englobando núcleos residenciais e subnúcleos comerciais e de serviços localizados no seu entorno.

Há uma grande concentração de população e de atividades, sendo marcado pela heterogeneidade tanto em termos demográficos quanto ao nível de renda e funções.

A região Central que integra desde o Alto dos Passos até o bairro Mariano Procópio abriga a maioria das atividades urbanas, além de constituir importante área residencial. Essa região é composta por 18 Regiões Urbanas, algumas se subdividem em bairros. Apresenta alta densidade demográfica e características ambientais favoráveis à ocupação urbana. Em 2010 sua população estava em torno de 136.000 habitantes.

Os bairros que compõem a região Central estão divididos, podemos aqui dizer, em grupos de relativa homogeneidade, pois ocorre desde aqueles de

ocupação com padrão socioeconômico médio a alto, até os de padrão de ocupação carente, com camadas de renda média e baixa.

As características da Região Central mostram a ocupação da margem direita do rio Paraibuna, acompanhando o traçado dos trilhos da antiga RFFSA, desde o bairro Fábrica até o núcleo Central propriamente dito. A partir deste ponto a região central toma a direção sul, no sentido das vias de acesso sul da cidade à BR-040, até a área delimitada pelos bairros Parque Guaruá, Boa Vista, Mundo Novo, Santa Cecília e Dom Bosco.

No núcleo, localizam-se inúmeras lojas, bancos, salas e escritórios comerciais, além dos mais importantes equipamentos de lazer, como teatros, cinemas e centros culturais, shoppings e restaurantes. Reúne boa parte dos equipamentos históricos, tombados pelo município.

Esta região apresenta uma tipologia de ocupação urbana onde a maior parte das áreas é favorável à verticalização, especialmente as situadas no vale do rio Paraibuna. Na região, há forte concentração de indústrias de pequeno e médio porte, empresas prestadoras de serviço, comércio variado e dinâmico e infraestrutura administrativa da Gestão do Município.

É pequena a cobertura vegetal na região Central, destacando-se o Parque Halfeld, a área que abriga o Museu Mariano Procópio e no bairro Vale do Ipê. Essa região abarca alguns afluentes da margem direita do rio Paraibuna: o Córrego Independência, Córrego Olavo Costa, Córrego Furtado de Menezes.

De acordo com o Plano Diretor (2004), a região ocupa áreas de várzeas, algumas áreas em maciços favoráveis com restrições e áreas com restrições com declividades entre 30% e 50%. Quanto a sua litologia, há áreas de Anfibólitos e Metabasitos, Argilas e Arenas, algumas áreas em Charnockitos/Granulitos, pequenas áreas em Gnaisses com intercalações de Quartzitos.

Dotada de infraestrutura urbana, já, há um bom tempo sofre os efeitos do crescimento urbano, como deterioração dos espaços públicos e problemas de trânsito.

Atualmente, em alguns bairros da região Central, está ocorrendo uma forte pressão imobiliária voltada à verticalização. Acentua-se o processo de renovação urbana, sobretudo em algumas RUs, que está ocorrendo a substituição de residências unifamiliares por edificações multifamiliares, substituindo as antigas. Dentre elas: Morro da Glória, Santa Catarina, Vale do Ipê, Jardim Glória, Santa

Helena, Paineiras, São Mateus, Alto dos Passos, Bom Pastor, Boa Vista, Centro e do Dom Bosco.

Segundo dados do Atlas de Exclusão Social, a região Central apresentava em 2006, 355 domicílios em situação de subnormalidade, com uma maior concentração no bairro Dom Bosco.

3.4.2.1 O Bairro Dom Bosco

O bairro Dom Bosco localiza-se na região Central de Juiz de Fora, pertencendo à RU Dom Bosco. Nasceu nos primeiros anos do século XX. Não se sabe ao certo em que ano. Alguns autores abordam que foi em 1920, outros em 1927. Como se vê, sua história tem contradições. O bairro procede de uma antiga fazenda de café já em decadência, onde os trabalhadores habitavam. Com mão-de-obra de origem afrodescendente, de ex-escravos e seus filhos (MENEZES E MONTEIRO, 2010).

São controversas as histórias de sua origem que remetem desde a existência de comunidade quilombola a demais populações, de origem rural, assistidos pela obra de assistência social da Igreja de São Mateus. Uma capela foi erguida pela ordem dos Vicentinos no alto da encosta e dedicada a Dom Bosco, consolidando assim o nome da localidade e o bairro em formação.

Outra versão relata que em 1927, após a aquisição das terras, o Sr. Vicente Beghelli edificou uma capela surgindo a seu lado e quase que simultaneamente, um campo de futebol. Esse campo também ocupava parte das terras de Beghelli. Mais tarde, a partir da doação de terras do próprio Vicente Beghelli, foi construída uma creche comunitária e um abrigo para idosos entregues às irmãs vicentinas. Foi exatamente ao entorno da capela e do campo que o bairro, então denominado de Serrinha, se consolidou (MENEZES e MONTEIRO, 2010, p.2).

Esse bairro sofreu vários processos de loteamentos e, ainda conforme Menezes e Monteiro (2010), o primeiro foi em 1937 e não foi aprovado pela prefeitura na época. Já o segundo foi em 1948 quando o bairro se chamava Serrinha e, recebeu o atual nome, Dom Bosco. Também não teve esta aprovação da prefeitura. O terceiro e quarto momento foram nos anos 1950, sendo que o quarto processo foi aprovado antes do terceiro¹.

¹ Para maiores detalhes, ver Menezes e Monteiro (2010)



Figura 30 - Vista Bairro do Dom Bosco.
Fonte: Google Earth, 2006.

No bairro Dom Bosco, temos diversos padrões de construções de moradias, desde as com infraestrutura, as que tiveram orientações de profissionais da construção, as de infraestrutura precária, até as de padrão auto-construtivo. As que se situam nas áreas mais altas, na área conhecida como “Alto Dom Bosco” estão distribuídas de maneira irregular com ocupações espontâneas. Algumas não estão regularizadas.

As encostas oferecem risco de desabamento no período chuvoso, e as moradias próximas a essas encostas estão em áreas consideradas de risco. A estrutura urbana no local já está consolidada e, se caracteriza por uma ocupação bastante adensada sobre uma malha viária estreita e curvilínea.



Figura 31 - Vista Parcial Bairro do Dom Bosco.
Fonte: A autora, 2012.

De relevo bastante acidentado, grande parte das residências está fixada nas encostas muito íngremes; o sistema viário é insuficiente, com vias estreitas de declividades acentuadas. Algumas vias que foram abertas nas áreas mais altas do bairro, não apresentam captação de águas pluviais, também não estão dentro dos padrões técnicos quanto à declividade, largura, caixa de rolamento² e calçadas.



Figura 32 - Vista Parcial do Bairro do Dom Bosco.
Fonte: A autora, 2012.

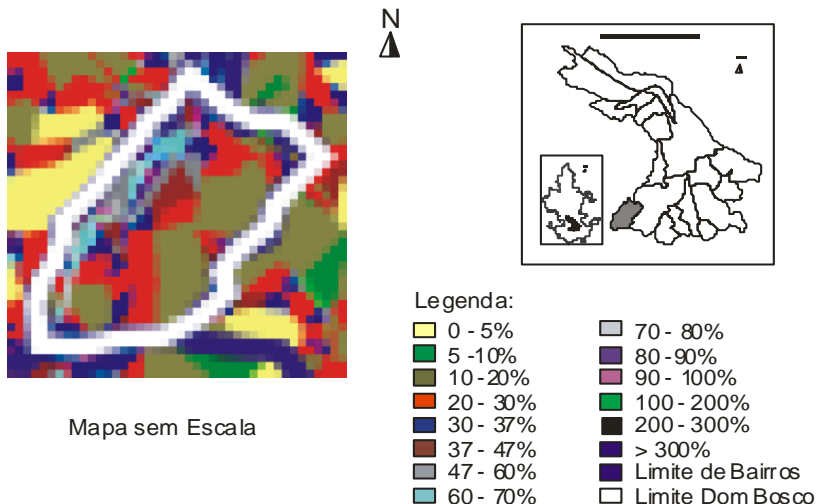
Nesse bairro, também podemos caracterizar duas formas de ocupação que se estruturaram nesse espaço urbano: a primeira ocupação mais antiga que buscou as áreas mais planas e deixando as encostas mais íngremes para a segunda. Nesta se localizam as pessoas mais carentes do bairro.

O Dom Bosco, caracteriza-se por ser uma encosta com declividade, em sua maioria entre 10% a 30%. Em certas áreas encontramos declividade entre 60 a 80%, segundo análise do mapa de corte.

² Caixa de Rolamento é a distância dentro da qual serão implantadas as faixas de rolamento. Já as faixas de rolamento é a faixa ocupada por um veículo durante o seu deslocamento.

Corte para Análise - Dom Bosco

SAGA/UFRJ - Sistema de Análise Geo-ambiental
 Laboratório de Geoprocessamento
 Mapa de Declividade de Juiz de Fora - MG - César Henrique Barra Rocha
 Adaptação - Telma Souza Chaves



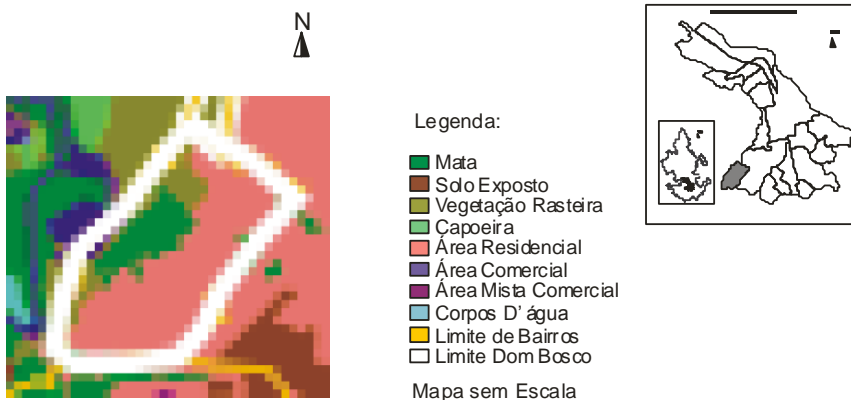
Mapa 12 - Corte Mapa de Declividade de Juiz de Fora – Dom Bosco.

Fonte: JUIZ DE FORA, Elaborado pela autora, 2012.

Quanto à cobertura vegetal e ocupação do solo e, analisando o mapa de corte abaixo, constatamos que a nordeste, leste, sudeste, sul e sudoeste já não existe cobertura vegetal. Toda essa área está ocupada residencialmente. Já a Noroeste uma pequena parte está coberta por vegetação rasteira. A oeste tem uma pequena cobertura por mata, de origem secundária, pois este bairro faz divisa com a área que abriga a UFJF e segundo dados históricos foi uma área de uma fazenda cafeeira.

Corte para Análise - Dom Bosco

SAGA/UFRJ - Sistema de Análise Geo-ambiental
 Laboratório de Geoprocessamento
 Mapa de Uso do Solo e Cobertura Vegetal de Juiz de Fora - MG - Oswaldo Elias Abdo
 Adaptação - Telma Souza Chaves



Mapa 13 - Corte Mapa de Uso do Solo e Cobertura Vegetal de Juiz de Fora – Dom Bosco.

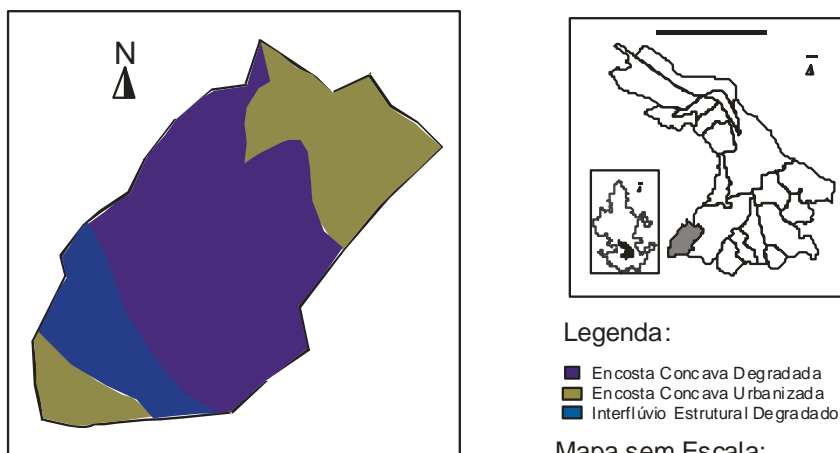
Fonte: JUIZ DE FORA, Elaborado pela autora, 2012.

De acordo com Menezes e Monteiro (2010, p.4), o crescimento populacional do bairro “sobe a encosta e atinge áreas de grande declividade hoje caracterizadas como áreas de risco socioambiental – as Áreas Especiais de Interesse Social (AEIS) do Alto Dom Bosco”.

Observando o mapa de corte geomorfológico, constatamos que, a área de encosta convexa degradada, ocupa quase toda a área do bairro. Ao norte, nordeste e sul as encostas côncavas estão urbanizadas, e a sudoeste tem-se uma área de interflúvio degradado. Se compararmos o mapa de corte com a foto apresentada do Google Earth, podemos verificar a realidade atual.

Corte para Análise - Dom Bosco

SAGA/UFRJ - Sistema de Análise Geo-ambiental
Laboratório de Geoprocessamento
Mapa Geomorfológico de Juiz de Fora - MG - Maria Hilde de Barros Góes
Adaptação - Telma Souza Chaves



Mapa 14 - Corte Mapa Geomorfológico de Juiz de Fora – Dom Bosco.
Fonte: JUIZ DE FORA, Elaborado pela autora, 2012.

A região onde se localiza o bairro Dom Bosco passou por um processo de alta valorização imobiliária que teve início na década de 1990. Esse processo levou ao local os investimentos imobiliários e algumas áreas foram compradas esperando a valorização, ou seja, a especulação imobiliária foi grande na região.



Figura 33 - Vista Parcial do Bairro do Dom Bosco.
Fonte: A autora, 2012.

Em 2008, a região do Bairro Dom Bosco estava recebendo grande investimento de equipamentos urbanos, pois este está localizado na região Central de Juiz de Fora como descrito e, está entre os principais eixos de crescimento e desenvolvimento da cidade. A área do entorno do bairro que já estava recebendo grandes investimentos teve um aceleração com a construção de um Shopping Center, pois foi o primeiro da cidade que ofereceu arquitetura moderna como já abordado em capítulo anterior.

O comércio local desenvolveu-se para atender as classes, média alta e alta que se transferiram para as novas áreas residenciais dotadas de total infraestrutura urbana.

Foi verificado neste bairro que, após os incentivos e os grandes investimentos que passou a receber de capital particular e público num período bem rápido, esta área da cidade que por muito tempo foi uma área de população carente, passou a receber uma migração da classe média alta e alta com destino as novas urbanizações da região.

Logo os antigos moradores passaram a sentir a pressão de uma expulsão através do crescimento da região. As áreas se valorizaram e suas moradias estavam fora do padrão construtivo dos grandes empreendimentos. Conferimos que nesta região a exclusão social tornou-se mais forte, pois os antigos e tradicionais moradores, isto é, a população carente do bairro Dom Bosco não tem acesso e não usufrui dos novos equipamentos urbanos.

Em 2008, vários outdoors haviam sido instalados de modo a esconder a paisagem local dos veículos que trafegavam na avenida Itamar Franco, que é um dos principais acessos aos novos empreendimentos imobiliários instalados na região. Outro fator interessante foi que alguns terrenos próximos à mesma avenida que antes tinham casas do padrão auto-constutivo foram vendidos e prédios construídos de modo a ocultar a paisagem local.

Foram instaladas empresas que abastecem de vários produtos a classe mais abastada da região. Também verificamos que algumas residências fizeram melhoramentos como: pinturas, rebocos, entre outros, tentando mudar a fachada para enquadrar-se ao padrão construtivo que estava sendo inserido no local, e outras casas aceitaram colocar outdoor na suas fachadas, escondendo-as.

Desta forma, entendemos que nas cidades o processo de segregação e exclusão se intensifica cada vez mais, fruto de um processo de urbanização espoliativo, onde grande parte da população (que se encontra desempregada ou possui baixos salários) fica destituída dos benefícios urbanos, tendo que se dirigir a lugares com pouca ou nenhuma infraestrutura para garantirem sua moradia.

“O espaço da cidade capitalista é fortemente dividido em áreas residenciais segregadas, refletindo a complexa estrutura social em classes” (CORRÊA, 1999, p.08). Além das divisões em áreas pelo espaço, não podemos nos esquecer das fragmentações que existem, sendo que consideramos fragmentação como espaço constituído por diferentes usos da terra.

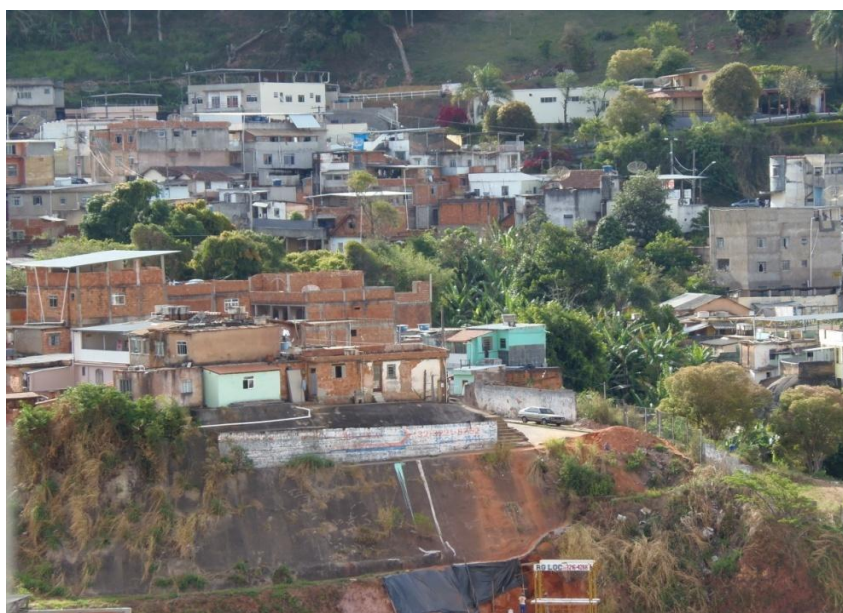


Figura 34 - Vista Parcial do Bairro do Dom Bosco.
Fonte: A autora, 2012.

Como vimos, o Dom Bosco em 2008 já estava tendo um aumento da exclusão sócioespacial, característica marcante desse bairro. Ao lado de novas áreas residenciais e dos “loteamentos fechados” de alto padrão, destinados à população de classe média alta e alta, estavam convivendo populações de menor poder aquisitivo, que, às vezes, vivem em condições de extrema pobreza.

A região Central juntamente com as regiões, Oeste e Sul vêm se destacando por serem as que mais estão recebendo investimentos na cidade. Obras de infraestrutura viária foram realizadas para atender a demanda local; inovações no mercado imobiliário de alta renda; edifícios residenciais surgem conectados aos serviços de lazer oferecidos bem próximos à região do bairro Dom Bosco. Através de um marketing, as regiões Oeste e Sul estão sendo vistas como umas das melhores para se morar, atualmente, em Juiz de Fora.



Figura 35 - Vista Parcial do Bairro do Dom Bosco.
Fonte: A autora, 2012.

A região do entorno do bairro Dom Bosco cresceu através dos investimentos recebidos seja através do capital público, privado ou parceria, mas verifica-se uma maior participação do privado. Novas áreas residenciais foram construídas. Atualmente o bairro está sitiado, como um enclave no contexto de uma área valorizada, com um alto nível social dos moradores e serviços especializados que

surgem para atender à nova classe, dentre eles: os novos empórios, lojas de decorações, academias, shoppings, entre outros.

Estão sendo construídos, cada vez mais, prédios altos e as residências de padrão carente e auto-construtivo, dependendo do ângulo visual, ficam escondidas pelas torres até mesmo algumas que estão na parte mais alta do bairro. Segundo Menezes e Monteiro (2010, p. 3)

As recentes transformações no arranjo espacial local são engendradas pelo capital imobiliário, que busca estruturar as alterações no espaço intraurbano através da materialização dos novos empreendimentos voltados para a prestação de serviços, circulação de capital, pessoas e mercadorias. O local, *lócus* da reprodução da vida social e comunitária, é transformado a partir de atores e ações vinculados ao capital estranho ao próprio lugar, territorializando novos objetos para a reprodução do capital e desterritorializando compulsoriamente as formas de vida comunitária.

Os moradores já estão sofrendo a expulsão através do crescimento da região, pois as áreas estão valorizadas e suas construções estão fora do padrão construtivo dos grandes empreendimentos, logo muitos não conseguem acompanhar os novos valores de IPTU e acabam vendendo suas residências.



Figura 36 - Vista Parcial do Bairro do Dom Bosco – Rua Pirapora.
Fonte: A autora, 2012.

As vias próximas aos novos empreendimentos estão recebendo infraestrutura, como calçamento e outras receberam um novo recapiamento

asfáltico, porém muitas ruas necessitam de manutenção e outras ainda se encontram com calçamento poliédrico³.

Atualmente, alguns moradores estão reclamando que o bairro Dom Bosco já não é mais o mesmo, segundo eles, não podem mais percorrer livremente os locais aos quais percorriam. Falam com tristeza de um tanque comunitário que foi desativado com o início das obras para a duplicação do hospital. Era um ponto de encontro para diversas donas de casas. Atualmente foi ativado, contudo perdeu a antiga configuração.

Muitos reclamam do comércio local, pois, agora, as lojas e estabelecimentos são para as pessoas ricas. Já não podem comprar, porque tudo é muito caro. Quando chegam ao shopping, eles não são olhados com “bons olhos” e os seguranças, a todo tempo, verificam seus movimentos, desconfiando dos mesmos achando que irão roubar alguma coisa.

Diante do aumento das desigualdades, temos como resultado um cenário de segregação sócioespacial. A população de baixa renda está sendo obrigada a se deslocar para outras áreas, com isso perdendo sua identidade local e cultural.

Pobreza e riqueza são realidades antagônicas, embora complementares, pois uma não pode existir sem a outra. O problema de eliminar a pobreza, isto é, de suprimir as diferenças de renda criadas por um processo produtivo gerador de desigualdades supõe uma mudança no próprio processo produtivo, o que vale dizer, das relações do homem com a natureza e dos homens entre si (SANTOS, 1980, p. 38).

O bairro Dom Bosco foi e está sendo marcado pelas intensas diferenças sociais. O aumento da desigualdade social leva ao conflito entre classes, riqueza e pobreza. De um lado, os antigos moradores de baixo poder aquisitivo, tradicionais que criaram suas raízes sociais na comunidade; do outro, uma nova classe que chega e tem ao seu lado toda infraestrutura urbana oferecida e, que gradativamente, está tomando o lugar e espaço dos antigos moradores. Contudo, uma depende da outra e o espaço está sendo articulado e moldado para atender a todas as classes.

Diante desses exemplos aqui descritos, chamamos a atenção para a realidade de Juiz de Fora, pois sabemos que a problemática urbana não só se

³ Como exemplo, a rua Pirapora, que em 2001, ainda era uma viela, sem qualquer calçamento, cheia de buracos, sem calçada, com lixo e mato, que ligava a antiga avenida Independência à rua Vicente Beghelli, era utilizada somente pelos moradores. Já em 2008 recebeu pavimentação e foi “alargada” e, atualmente, pode ser utilizada por veículos.

resume a eles. Basta percorrermos a cidade como um todo para vermos o que está ocorrendo nas outras regiões e nos bairros que as compõem.

Entretanto, o discurso que vemos é contrário ao que foi exposto, de acordo com o relatório da Gestão 2009/2012, editado pela prefeitura municipal e distribuído a população com o tema que “Juiz de Fora está Pronta para o Futuro”. Segundo esse relatório, após o quadriênio a realidade da cidade é bastante diferente, pois a economia da cidade é hoje uma das mais dinâmicas do país. A cidade recebeu diversas empresas novas que, somadas às expansões das existentes, criaram mais de 10 mil empregos.

Ainda segundo o relatório, foi realizado após anos de inércia, o maior conjunto de obras e investimentos sociais da cidade. Além de considerar que a nova administração irá receber tudo em ordem e com recursos garantidos para dar sequência às três maiores obras do município até então, são elas:

- O Hospital de Urgência e Emergência, com 240 leitos, sendo 40 de Unidade de Tratamento Intensivo – UTI, que irá garantir atendimento e qualidade para o cidadão além de dobrar o número de vagas existente na cidade;
- O conjunto de obras viárias que já foi iniciado;
- O tratamento de esgoto de Juiz de Fora que atualmente é lançado no rio Paraibuna.

Será que Juiz de Fora está realmente pronta para o futuro? Como descrito no relatório de Gestão 2009/2012. De acordo Tribuna de Minas, um jornal local, editado em 30 de dezembro de 2012, que nos trouxe como manchete: “Novo Prefeito Terá Prova de Fogo no Primeiro Ano”. Essa manchete estava questionando as obras inacabadas e os problemas atuais que a cidade enfrenta. Destacamos aqui, os que achamos de maior relevância:

1. Explosão da frota de veículos pode levar restrições de circulação;
2. Na saúde, desafio é a manutenção de hospital regional ainda em construção;
3. Para receber delegações estrangeiras na Copa e na Olimpíada, Juiz de Fora depende de obras, pois elas podem ser o passaporte;
4. Internacionalização do aeroporto fica para 2013.

Como verificado nesses questionamentos, ainda tem-se muito a fazer. E como é comum no Brasil vemos obras iniciadas em administrações anteriores não terem sequência nas posteriores realmente o desafio para a cidade tornou-se grande.

Juiz de Fora é mais uma das cidades médias brasileiras, que aposta no *marketing* urbano, para divulgar ações futuras das políticas urbanas, mas também divulgar a cidade que oferece qualidade e bem estar, limpa e segura, que estar entre as melhores cidades brasileiras a se viver, isto é uma cidade espetáculo.

Espetáculo aqui considerando, uma cidade que privilegia seus moradores que oferece idealizações sociais, cidade que está construindo um novo futuro, seja na saúde, na habitação, em obras, trazendo soluções para os problemas urbanos. Isto é facilmente visto nas propagandas e encartes que são distribuídos a sociedade local pela prefeitura municipal. No entanto, como constatamos manter um patamar de cidade de qualidade, ou cidade espetáculo, vai muito mais além do que se está fazendo ou construindo, pois o espetáculo não deve estar presente somente em algumas regiões ou mais precisamente em alguns bairros da cidade como está acontecendo.

4 CONCLUSÃO

O planejamento Estratégico de Juiz de Fora seguiu a ótica catalã, começou a ser elaborado em 1997, período em que a cidade se encontrava num momento peculiar, pois estava passando por um ciclo de intervenções público-privadas e inserindo-se no circuito dos processos de mundialização do capital.

Baseou-se na premissa do processo de globalização na qual as grandes cidades se encontram, isto é, transformar a cidade em protagonistas nas relações do mundo atual. Foi um desafio, pois deveria de uma forma participativa e consensual, iniciar a discussão para a criação de um novo momento para a cidade.

Os principais objetivos do Planejamento Estratégico buscam a elevação da cidade a novos padrões de referência em serviços de educação, saúde, cultura, qualidade de vida, tecnologia, lazer, pólo econômico e logístico da região e ter um papel integrador do entorno.

Analisando as administrações posteriores a elaboração deste planejamento, constatamos que apesar delas não o utilizarem efetivamente, seus projetos de governos no contexto incorporam os mesmos objetivos, os quais têm a finalidade de afirmar Juiz de Fora como pólo da região da Zona da Mata Mineira.

Atualmente, Juiz de Fora está consolidada como centro de prestação de serviços, destacando-se os setores de educação, saúde e comércio em relação às cidades de sua microrregião. Na participação do PIB de Minas Gerais, ela está entre as 10 primeiras cidades. Surgem novos setores que começam a se expandir e, atualmente, novos projetos de crescimento industrial estão sendo implementados.

Todavia, mesmo Juiz de Fora se consolidando como centro de prestação de serviços não podemos e nem devemos desconsiderar sua importância industrial, pois a cidade tem um papel relevante no Estado de Minas Gerais.

Juiz de Fora está vivenciando, de forma direta, os efeitos das transformações da dinâmica do processo econômico e seu planejamento urbano, pois, atualmente, passa por novas intervenções urbanísticas que estão dotando de infraestrutura algumas de suas regiões urbanas. Nesse sentido, a cidade promoveu diversas transformações e tornou-se um grande “mercado aberto”, ocasionando muita concorrência por parte das empresas da construção civil e de empreendimentos

imobiliários. A busca do desenvolvimento promovida através dos planos e projetos, certamente, está possibilitando a geração de riquezas e apropriação de recursos públicos, mesmo que seu foco privilegie o setor econômico e favoreça os interesses dos principais agentes urbanos.

O reflexo espacial desse processo de urbanização visto em Juiz de Fora nos revela que a concentração de renda em poucas parcelas da população provoca a concentração espacial, especialmente nas áreas dotadas de maior qualidade de infraestrutura e serviços.

Contudo, essa lógica capitalista certamente está resultando também num acesso desigual aos recursos e à riqueza gerada por esse desenvolvimento, reafirmando, com a política urbana, o privilégio da elite. Sabemos que os espaços de vida econômica e social de uns não são os mesmos que os de outros. Cumpre avaliar a gestão e o planejamento urbano nos seus aspectos institucionais, financeiros, legais e político-administrativos, especialmente, quanto ao uso do solo, à habitação, à infraestrutura e aos serviços públicos, com vistas à contenção da deterioração social e física do meio urbano.

Já os segmentos de menor poder aquisitivo, por outro lado, acabam por se localizar nas áreas mais distantes, às vezes, em áreas de riscos, com parcial ou nenhuma infraestrutura básica, mas condizentes com sua faixa de renda. De acordo com Maricato (2000, p. 122), “o urbanismo brasileiro (entendido aqui como planejamento e regulação urbanística) não tem comprometimento com a realidade concreta, mas com uma ordem que diz respeito a uma parte da cidade, apenas”.

Lembrando que esse processo já ocorria em Juiz de Fora antecedente ao Planejamento Estratégico de 1997.

Os investimentos públicos que estão sendo aplicados em áreas já dotadas de infraestrutura, como vem ocorrendo em Juiz de Fora, acaba atendendo aos interesses do capital especulativo, contribuindo para a manutenção do processo de exclusão da cidade.

Obras de infraestrutura viária estão sendo realizadas para atender a demanda crescente da cidade, novas urbanizações estão sendo criadas. São áreas as quais estão surgindo as novas formas de ação no espaço. Consideramos como os elementos centrais para a produção desse espaço, o planejamento, fluxo de capital e, a parceria público-privada. É através de parcerias que a gestão administrativa terá a garantia de capital para a realização de novas obras. Além de que, com a parceria

público-privada, há um empenho maior, em dotar ou se criar áreas de interesse comum, garantindo assim um maior fluxo de capital, porém, no âmbito de interesses privados.

Exemplificando o que foi descrito acima, citamos a construção das obras viárias na área Central de Juiz de Fora, sua efetivação só foi possível, por que o Ministério dos Transportes, DNIT, Governo de Minas Gerais a MRS Logística⁴ entraram em parceria.

Com a centralidade de Juiz de Fora em relação a sua microrregião, obras de serviços essenciais estão em pauta, como por exemplo, na saúde, educação e transporte, isso se mostra claro nos planos de governos. Todavia, a demanda na cidade de serviços essenciais vai muito mais além do que se está realizando.

Quanto a requalificação e os projetos de intervenção urbana na área Central, eles não foram elaborados somente para desafogar o trânsito, pois fazem parte da pauta de crescimento e transformação de Juiz de Fora, com melhorias nas vias de acesso, levando seu comércio à competitividade e à qualidade de serviços oferecidos.

Com a candidatura de Juiz de Fora a ser uma subsede da Copa em 2014, a cidade passou a receber num ritmo acelerado, novos projetos e novas urbanizações em áreas específicas. Áreas essas que compõem um dos acessos de entrada e saída da cidade.

Apesar de alguns subcentros surgirem ao longo do desenvolvimento urbano e demográfico, o núcleo central de Juiz de Fora ainda permanece com a influência e poder de decisões. Além da região Central, vimos que as regiões Oeste e Sul vêm se destacando por serem as que mais estão recebendo investimentos na cidade. Porém não em todos os bairros que as constituem, concentrando-se em algumas áreas selecionadas pelos investidores, dizemos aqui que é o lado espetáculo da cidade.

Para as outras regiões urbanas da cidade, novos espaços estão sendo construídos e se espalham de forma isolada em alguns dos bairros que as compõe. A cidade espetáculo está se revelando em algumas regiões ou mais precisamente em alguns bairros como verificado.

⁴ MRS Logística S.A. é a concessionária que opera a chamada Malha Sudeste da Rede Ferroviária Federal S. A., que era composta pelas Superintendências Regionais SR3 - Juiz de Fora e SR4 - São Paulo.

E fica uma pergunta: será que a cidade de Juiz de Fora se resume apenas a essas três regiões? Sabemos que não, mas a realidade é que elas concentram grande fluxo de capital público-privado, por isso recebem as renovações ou as novas urbanizações.

Em Juiz de Fora destacamos as leis, que gerenciam, delimitam e, fiscalizam todo o tipo de obra que venha a ser realizada dentro da área do município. Lembramos que apesar de parecer apenas um conjunto de leis, elas são responsáveis por representar e regular o desenvolvimento de forma equilibrada e ordenada.

“Atualmente, nos grandes centros, fala-se do significado das grandes operações urbanas, redefinindo centralidade a direção dos investimentos, a partir de legislação pertinente e investimentos programados”. (DAMIANI, 2011, p. 44). Em Juiz de Fora, vimos que a direção das operações urbanas e dos investimentos, devem ser aprovadas pelas nossas leis, seja ele público ou privado. Mas, às vezes, “o público e o privado, ao mesmo tempo, se contrapõem e se condicionam simultânea e mutuamente”. (DAMIANI, 2011, p. 42).

Podemos dizer que em Juiz de Fora, muitas obras privadas são embargadas, por estarem em desacordo com alguma das leis, é o momento em que o privado se contrapõe ao público, pois de uma maneira geral as obras interditas conseguem as liberações necessárias. Contudo quando uma operação urbana é do total interesse da classe dominante há uma reciprocidade do público e do privado.

Quanto as desigualdades e o processo de exclusão, verificamos que guardadas as devidas proporções, o mesmo processo que ocorre nas grandes cidades está ocorrendo em Juiz de Fora.

Como podemos compreender a produção do espaço e a ação dos agentes urbanos que os compõe, suas relações sócio-espaciais? Quem sabe indo mais além do que fomos.

Os exemplos que nesse trabalho, foram demonstrados nos deixam claro como a administração política e urbana na cidade está sendo praticada. De um lado, o Dom Bosco, um bairro constituído historicamente por uma população carente e que está sitiado pelas principais intervenções urbanas da cidade, mas que não as recebe, levando a população local a um aumento da exclusão social urbana; do outro, o Alto Três Moinhos, um bairro característico de população de baixa renda, que sofre a falta de infraestrutura urbana e mostra-nos, claramente, não só o

problema na questão social e de renda, mas, também na questão ambiental. Esse bairro pertence a uma das RUs mais pobres de Juiz de Fora.

O outro lado da cidade espetáculo se revelou de uma maneira perversa ao analisarmos as tabelas que nos mostraram a pobreza urbana, isto é as áreas de exclusão social espalhadas pelas regiões da cidade.

A política pública destinada a solucionar esses problemas tem sido tão fragmentada que mantém, de maneira crônica, déficit de serviços urbanos, de infraestrutura básica e ambiental. A permanência desses problemas tem contribuído para afetar, negativamente, os níveis de qualidade de vida de boa parte da população juizforana.

É inegável que essa forma de organização e, configuração da produção do espaço urbano, é inerente ao modo produção capitalista globalizada. Não é somente a cidade de Juiz de Fora que está vivenciando, mas, também outras cidades. E fica evidente a segregação sócio-espacial-urbana que faz parte desse sistema.

O Planejamento Estratégico se revelou em um discurso sedutor, mas incapaz de resolver problemas urbanos, pois há a permanência de grandes desigualdades sociais, agrupada à precariedade de infraestrutura de muitos bairros de classe baixa e das áreas de ocupação subnormal.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, P.; FARIA, T. C. Mobilidade residencial na cidade do Rio de Janeiro: considerações sobre os setores formal e informal do mercado imobiliário. **Anais do XI Encontro Nacional de Estudos Populacionais da ABEP**. Caxambu, v.1, p. 421-456, 1998. Disponível em: <<http://www.abep.nepo.unicamp.br/>> Acesso em: ago. 2003.

ANDRADE, T. SERRA, R. **O recente desempenho das cidades médias no crescimento populacional urbano brasileiro**. Textos para discussão do IPEA. N. 554, 1998. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br>>. Acesso em: Fev. 2006.

ANDRADE, S.M.B.V.de. **Classe Operária em Juiz de Fora: Uma história de Lutas**. Juiz de Fora: EDUFJF. 1987.

ARANTES, O.; VAINER, C. e MARICATO, E. **A cidade do pensamento único: desmanchando consensos**. Petrópolis: Vozes, 2000.

BASTOS, W.L. Do Caminho Novo dos Campos Gerais à Estrada de Rodagem União e Indústria e Estrada de Ferro D.Pedro II. In: BASTOS, W. L et al.(Org.) **História Econômica de Juiz de Fora**. Juiz de Fora: Instituto de História e Geografia, 1987.

_____ **Mariano Procópio Ferreira Lage: Sua vida, sua obra, descendência, Genealogia**. Juiz de Fora: Edições Paraibuna, 1991.

_____ **Caminho novo: A espinha dorsal de Minas**. Juiz de Fora:, Funalfa Edições, 2004.

BASTOS, S.Q. de A. **Disritmia Espaço – Tempo: análise das estratégias de desenvolvimento adotadas em Juiz de Fora – MG, pós anos 70**. Rio de Janeiro: IPPUR/UFRJ, 2000.

_____ Juiz de Fora: Análise do Desenvolvimento Industrial e dos Desafios Colocados pela Implantação da Mercedes-Benz. In: SEMINÁRIO SOBRE A ECONOMIA MINEIRA, 10., 2002, Juiz de Fora. **Anais...** Diamantina, 2002. p.1-28.

BORGES, C.M. **Solidariedades e Conflitos: histórias de vidas e trajetórias de grupos em Juiz de Fora**. Juiz de Fora: Ed.UFJF, 2000.

CARLOS A.F.A. A reprodução da cidade como “negócio”. In: CARLOS, A.F.A.; CARRERAS, C. (Org.) **Urbanização e mundialização**: estudos sobre a metrópole. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2011.

CASTELLS, M. **A questão urbana**. Tradução de Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

CASTRO, N.B. de. A contribuição dos Imigrantes Alemães a Industrialização de Juiz de Fora. In: BASTOS, W. L et al. **História Econômica de Juiz de Fora**. Juiz de Fora: Instituto de História e Geografia, 1987.

CENTRAIS ELÉTRICAS DE MINAS GERAIS. **Companhia Mineira de Eletricidade – Projeto Memória**. Juiz de Fora: UFJF – 1994.

CHAVES, T.S. **Exclusão Social**: Uma análise dos assentamentos subnormais em Juiz de Fora - MG. 2006. 104 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado) Curso de Geografia – ICH, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2006.

_____. **Expansão Urbana e Degradação de Encosta em Juiz de Fora - MG**: Um Estudo de Caso do Alto Três Moinhos e do Morro do Imperador. 2010. 85 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Análise Ambiental) – Curso de Engenharia- Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010.

CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. 2. ed. Florianópolis: Ed.da UFSC, 2001.

COMPANS, Rose. **Empreendedorismo Urbano**: entre o discurso e a prática. São Paulo: UNESP, 2005.

CORRÊA, R.L. **Região e Organização Espacial**. 4. ed São Paulo: Ática, 1999.

_____. **O espaço urbano**. 4.ed. São Paulo: Ática, 2005.

_____. Sobre Agentes Sociais, Escala e Produção do Espaço: um texto para discussão. In: CARLOS, A.F.A; SOUZA, M.L.de; SPOSITO, M.E.B. (Org) **A produção do espaço urbano**: agentes e o processos, escalas e desafios. São Paulo: Contexto, 2011.

CARLOS, A. F.A. **A cidade**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1994.

_____.; SOUZA, M.L.de; SPOSITO, M.E.B. (Org.) **A produção do espaço urbano**: agentes e o processos, escalas e desafios. São Paulo: Contexto, 2011.

COLCHETE FILHO, A; MARANGON, M.; FONSECA, F.L. **A vitalidade dos espaços públicos centrais: os calçadões de pedestres em Juiz de Fora**, 2010. Disponível em: <<http://www.anparq.org.br/dvd-enanparq/simposios/173/173-738-1-SP.pdf>>. Acesso em: nov. 2012.

CRUZ, P. N. da. **A Importância do Papel do Ensino Profissionalizante em Juiz de Fora Face ao Desenvolvimento Industrial**. 2000. 172 p. Dissertação (Mestrado em Administração Pública) - Escola Brasileira de Administração Pública, Fundação Getulio Vargas, Rio de Janeiro, 2000.

DAMIANI, A.L. **População e Geografia**. São Paulo: Contexto, 1998.

_____. A geografia e a produção do espaço da metrópole entre o público e o privado. In: CARLOS, A.F.A.; CARREIRA, C.(Org.) **A Urbanização e mundialização: estudos sobre a metrópole**. 2 ed São Paulo: Contexto, 2011.

ESTADO DE MINAS. **Juiz de Fora volta a atrair investimento**. Disponível em: <<http://www.estaminas.com.br/>>. Acesso em: jul. 2012.

ESTEVES, A. **Álbum do Município de Juiz de Fora**. 3 ed. Juiz de Fora: Funalfa Edições, 2008.

FERREIRA, J.S.W. **O mito da cidade-global**. O papel da ideologia na produção do espaço urbano. Petrópolis, RJ: Vozes; São Paulo: Unesp; Salvador, BA:Ampur, 2007.

FERNANDES, F. **A Revolução Burguesa no Brasil: Interpretes do Brasil**. 2.ed. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 2002. v.3

FJP. **Informativo CEI**: déficit habitacional no Brasil 2000. Belo Horizonte, jun 2002. Disponível em: <www.fjp.gov.br> Acesso em: mai. 2004.

FONSECA, F.L.da. **Os calçadões e sua importância para a qualidade urbana na área central de Juiz de Fora**. 2012. 162 p. Dissertação (Mestrado em Ambiente Construído) Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF, Juiz de Fora, 2012.

GENTILI, P. (Org). **Globalização excludente**. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

GIROLETTI, D. **Industrialização de Juiz de Fora: 1850 a 1930**. Juiz de Fora: EDUFJF, 1988

GUIMARÃES, E.S. ; GUIMARÃES V.A. **Aspectos Cotidianos da Escravidão em Juiz de Fora**. Juiz de Fora: Funalfa, 2001.

GONÇALVES, E. **Possibilidades e limites para o desenvolvimento da indústria de alta tecnologia em Juiz de Fora**. 1998, 135 p. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte, 1998.

HARVEY, D. **A Produção Capitalista do Espaço**. 2 ed. São Paulo: Annablume, 2005.

_____. **O enigma do Capital: e as crise do capitalismo**. São Paulo, Boitempo, 2011.

HOWYAN, G. **Saneamento e expansão da cidade de Juiz de Fora: águas e esgotos; retificação de rios, drenagem**. Juiz de Fora: FUNALFA, 2004.

IBGE. **Contagem da população: 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

JUIZ DE FORA (MG).PREFEITURA, Instituto de Pesquisa e Planejamento. **Legislação Urbana Básica**. Juiz de Fora: IPPLAN, 1987.

_____. **Plano Estratégico: PLANOJF**. Juiz de Fora,2000.

_____. **Plano de Desenvolvimento Local**. Juiz de Fora, 2004.

_____. **Plano Diretor de Desenvolvimento de Juiz de Fora - Diagnóstico**. Juiz de Fora, 2004.

_____. **Atlas Social – Juiz de Fora: diagnóstico**. Juiz de Fora, 2006.

_____. **Plano de Diretor de Desenvolvimento Urbano**. [En línea]. 2006b. <<http://www.pjf.mg.gov.br/pddu/index.htm>>. Acesso em: mai.2012.

_____. **Anuário Estatístico de Juiz de Fora, 2010**. Disponível em: <<http://www.pjf.mg.gov.br/spde/anuario.php>>. Acesso em Set. 2012.

_____. **Relatório de Gestão – 2009/2012**. Juiz de Fora, 2012.

JÚNIOR, P. C. **Formação do Brasil Contemporâneo: Interpretes do Brasil** 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Águar, 2002. v.3.

LIMA JUNIOR, P.de N. **Uma estratégia chamada “planejamento estratégico”:** desdobramentos espaciais e a atribuição de sentidos na terapia do planejamento urbano.Rio de Janeiro: Letras, 2010.

LOPES, L.F. **Uma Leitura do Planejamento Estratégico de Juiz de Fora – MG.** 2008 144 p. Dissertação (Mestrado em Geografia) Universidade Federal Fluminense - UFF, Niterói, 2008.

MACHADO, P. J. de O. Juiz de Fora: polarização e movimentos migratórios. **Revista Geosul.** Florianópolis: UFSC, v. 12, n. 23, p. 121-137, jan/jun, 1997.

MARICATO, E. As idéias fora do lugar e o lugar fora das ideias: planejamento urbano no Brasil. In: ARANTES, O.; VAINER, C. e MARICATO, E. **A cidade do pensamento único: desmanchando consensos.** 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____ **O impasse da política urbana no Brasil.** Petrópolis: Vozes, 2011.

MARTINE, G. **A redistribuição espacial da população brasileira durante a década de 80.** Texto para discussão do IPEA. N. 329, 1994. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br>>. Acesso em: Jun. 2006.

MASCARENHAS, G. Desenvolvimento Urbano e grandes eventos esportivos: o legado olímpico nas cidades. In: MASCARENHAS, G. BIENENSTEIN, G. SÁNCHEZ, F. (Org.) **O jogo continua: megaeventos esportivos e cidades.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

MENEZES, M. L. P. y G. L. MONTEIRO. O Espaço Fora do Lugar: Uma Análise do Processo de Gentrificação do Bairro Dom Bosco e Seus Impactos para a Comunidade Local. *Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales.* [En línea]. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1 de agosto de 2010, v. 14, n. 331 Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-331/sn-331-97.htm>>.

MGTV Panorama **.Crescimento do setor industrial em Juiz de Fora chega a 20,5% em 2010.** Disponível em: <<http://megaminas.globo.com/2011/02/14>>. Acesso em: Jul. 2012.

MGTV Panorama **.Parque industrial de Juiz de Fora está em expansão.** Disponível em: <<http://megaminas.globo.com/2011/06/17>>. Acesso em: Jul. 2012.

MOTTA, D. M.. MUELLER, C. C. TORRES, M. O. **A dimensão urbana do desenvolvimento econômico-espacial brasileiro.** Texto para discussão do IPEA. N. 530, 1997. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br>>. Acesso em: Abr. 2006

MUSSE, C.F. **Impressa, Cultura e Imaginário Urbano:** exercício de memória sobre os anos 60-70 em Juiz de Fora. São Paulo: Nankim; Juiz de Fora: Funalfa, 2008.

NAVA, P. **Juiz de Fora nas memórias de Pedro Nava:** uma meta-ficção histórica – Ilma de Castro Barros e Salgado. Juiz de Fora: Editora Associada, 2003.

NOVA estratégia de desenvolvimento econômico local: a partir de 1990.

JFEMPAUTA. Disponível em: <http://www.jfempauta.com/?page_id=5895>. Acesso em: jul. 2011.

OLIVEIRA, N. B. e CHAVES, T. S. Assentamentos de submoradias, segregação sócio-espacial e condições sócio-ambientais em Juiz de Fora, Minas Gerais – estudo de caso no Alto Santo Antônio. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 6., 2004, Goiânia. **Anais...** Goiânia: AGB/UFG/UCG, 2004. v. 1

_____, CHAVES, T. S. e SIMONCINI, J. V. B. Globalização, neoliberalismo e impactos sobre a América Latina – conseqüências sobre o espaço urbano na cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil. In: ENCUESTRO HUMBOLDT, 6., 2004, Villa Carlos Paz. **Anais...** Villa Carlos Paz: Centro de Estudios Von Humboldt, 2004. v. 1, p. 1-15.

OLIVEIRA, A.de. O Advento da Energia Elétrica em Juiz de Fora. In: BASTOS, W. L, ALVARENGA, J. T., CASTRO, N. B. CID, W. e OLIVEIRA, A. **História Econômica de Juiz de Fora**. Juiz de Fora: Instituto de História e Geografia, 1987.

OLIVEIRA, M.M. **Plano Estratégico e Diretor de Juiz de Fora – Modelos Contraditórios ou Complementares?** 2006. 109 p. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Rio de Janeiro, 2009.

OLIVEIRA, M.R. de. **Juiz de Fora: vivendo a história**. Juiz de Fora: Ed.UFJF, 1994.

_____. **Negócios de Famílias: mercado, terra e poder na formação da cafeicultura mineira- 1780-1870**. Bauru- SP: EDUSC; Juiz de Fora – MG: Funalfa, 2005.

PASSAGLIA, L.A. do P. **A preservação do Patrimônio Histórico de Juiz de Fora**. Juiz de Fora: PFJ, 1982.

PAUTA ECONÔMICA: **IBIS Hotel Juiz de Fora**. v. 108, Jul. 2012.

PIRES, A. **Café, Finanças e Indústria: Juiz de Fora 1890 a 1930**. Juiz de Fora: FUNALFA, 2009.

ROCHA, C.H.B. **Zona da Mata Mineira: pioneirismo, atualidade e potencial para investimento**. Juiz de Fora: Funalfa Edições, 2008.

RODRIGUES, A. M. **Moradia nas cidades brasileiras**. 7.ed. São Paulo: Contexto, 1997.

SÁNCHEZ, Fernanda. **A reinvenção das cidades para um mercado mundial**. 2. ed. Chapecó: Argos, 2010.

SANTOS, M. **Urbanização Brasileira**. 5. ed. São Paulo: Edusp, 2005.

_____ Reformulando a Sociedade e o Espaço. **Revista Geografia e Sociedade**: os novos rumos do pensamento geográfico. ano 74, v. 74, n. 4. Disponível em <http://www.miltonsantos.com.br/site/wp-content/uploads/2011/12/Reformulando-a-sociedade-esp%C3%A7o_MiltonSantos1980SITE.pdf>. Acesso em: maio 2012

SOUZA, S.M.de. **Terra, Família, Solidariedade**: estratégias de sobrevivência camponesa no período de transição – Juiz de Fora (1870-1920). Juiz de Fora: Funalfa Edições, 2007.

SOUZA, M.de P.e. **Especialização em Moda, Cultura de Moda e Arte indústria Têxtil e Produção Cultural**: O Declínio Desvelado. Juiz de Fora, 2010. 47 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Moda) - Instituto de Artes e Design, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010.

SOUZA, M. L. **Urbanização e desenvolvimento no Brasil atual**. 2.ed. São Paulo: Ática, 1996.

SPOSITO, M.E.B. **Capitalismo e Urbanização**. São Paulo: Contexto, 2000.

TRIBUNA DE MINAS. **Juiz de Fora está entre pré-selecionadas para ser sub-sede da copa de 2014**. Disponível em: <<http://www.tribunademinas.com.br/>>. Acesso em: jul. 2011.

_____ **JF terá hotel da rede ibis com 144 suítes - empreendimento terá modelo de gestão de pool, em que apartamentos são vendidos**. Disponível em: <<http://www.tribunademinas.com.br/>>. Acesso em: dez. 2012.

_____ **Juiz de Fora conclui planejamento para ser sub-sede da copa**. Disponível em: <<http://www.tribunademinas.com.br/>>. Acesso em: nov. 2012.

_____ **Novo Prefeito terá prova de fogo no primeiro ano**. 30 dezembro 2012, **Perspectiva**, p. 4-6, dez. 2012.

VAINER, C.B “Pátria, empresa e mercadoria”. In: ARANTES, O.; VAINER, C. e MARICATO, E. **A cidade do pensamento único**: desmanchando consensos. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

VALS, S. Os sistemas de informação geográfica, um instrumento para o estudo das transformações urbanas. In: CARLOS, A.F.A. ;CARRERAS, C. (Org.) **Urbanização e mundialização**: estudos sobre a metrópole. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

VASCONCELOS, J. R. CÂNDIDO, J. O. **O problema habitacional no Brasil**: déficit, financiamento e perspectivas. Texto para discussão do IPEA N. 410, 1999. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br>>. Acesso em: Maio 2006.

YAZBECK, L. **Sementes da Inclusão**: grupos escolares de Juiz de Fora 1907-2007. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2007.